

A GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO, A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA E A PERCEPÇÃO DO MUNDO PELA CRIANÇA PEQUENA



GEOGRAPHY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE CONSTRUCTION OF LIVED SPACE, CARTOGRAPHIC LITERACY, AND THE YOUNG CHILD'S PERCEPTION OF THE WORLD

FABÍOLA LOPES DE AMORIM BRITO

Ensino médio com magistério pelo CEFAM Guarulhos (2002). Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade de Guarulhos (2006) e Pedagogia pela Universidade de Guarulhos (2010). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal de São Carlos (2014).

RESUMO

O presente artigo analisa a relevância do ensino e da aprendizagem da Geografia na Educação Infantil, compreendendo o espaço não apenas como uma dimensão física ou receptáculo neutro de objetos, mas como uma construção social, afetiva e cognitiva fundamental para a constituição do sujeito. Fundamentando-se nos aportes da Epistemologia Genética de Jean Piaget, na abordagem socio-histórica de Lev Vygotsky e nas pesquisas geográfico-pedagógicas de Sonia Castellar, Maria Elena Simielli e Lana de Souza Cavalcanti, a pesquisa investiga de que modo a criança pequena elabora as noções de espaço vivido, percebido e representado. Articula-se a análise com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ênfase no campo de experiências "Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações". Discutem-se o papel do corpo como primeiro referencial espacial, as primeiras noções de alfabetização cartográfica (mapas corporais, maquetes e itinerários) e a construção da consciência socioambiental. Conclui-se que o raciocínio geográfico na primeira infância desenvolve o sentido de pertencimento, a autonomia espacial, o respeito à diversidade das paisagens e a cidadania planetária.

Palavras-chave: Geografia Infantil; Espaço Vivido; Alfabetização Cartográfica; Educação Infantil; BNCC; Raciocínio Geográfico.

ABSTRACT

This article analyzes the relevance of teaching and learning Geography in Early Childhood Education, understanding space not merely as a physical dimension or a neutral receptacle for objects, but as a social, affective, and cognitive construct fundamental to the formation of the subject. Drawing on Jean Piaget's Genetic Epistemology, Lev Vygotsky's socio-historical approach, and the geographic-pedagogical research of Sonia Castellar, Maria Elena Simielli, and Lana de Souza Cavalcanti, the study investigates how young children develop notions of lived, perceived, and represented space. The analysis aligns with the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC), emphasizing the field of experience known as "Spaces, times, quantities, relations, and transformations." It discusses the role of the body as the primary spatial reference point, early concepts of cartographic literacy (body maps, scale models, and itineraries), and the development of socio-environmental awareness. The study concludes that geographic reasoning in early childhood fosters a sense of belonging, spatial autonomy, respect for landscape diversity, and planetary citizenship.

Keywords: Geography in Early Childhood; Lived Space; Cartographic Literacy; Early Childhood Education; BNCC; Geographic Reasoning.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é o território pedagógico por excelência onde a criança descobre a si mesma em relação com os outros e com o meio circundante. Ao engatinhar, dar os primeiros passos, escalar brinquedos no parque, explorar os cantos da sala de aula e observar as transformações do tempo atmosférico na janela da escola, a criança pequena realiza, essencialmente, investigações de natureza geográfica.

Entretanto, durante muito tempo, vigorou o mito de que o conhecimento geográfico deveria ser reservado apenas às etapas posteriores da escolarização (Ensino Fundamental e Médio), restringindo-se à memorização de nomes de capitais, rios, acidentes geográficos e definições abstratas do espaço. Essa visão tradicional e fragmentada desconhece que o raciocínio espacial se inicia no nascimento e constitui uma das dimensões mais potentes da inteligência humana.

A ciência geográfica contemporânea, superando o paradigma meramente descritivo, conceitua o espaço como o **espaço geográfico**: uma totalidade socialmente construída e continuamente transformada pela ação humana e pelas forças da natureza. Na Educação Infantil, trabalhar a Geografia não significa antecipar conteúdos formais do Ensino Fundamental, mas sim dar sentido e intencionalidade às vivências espaciais da criança, auxiliando-a a ler, compreender e transformar o seu entorno.

Diante dessa perspectiva, o presente artigo busca responder à seguinte questão norteadora: *De que forma o pensamento espacial e o raciocínio geográfico se constroem na Educação Infantil, e de que maneira a mediação pedagógica intencional pode articular o corpo, o brincar e a alfabetização cartográfica inicial para a formação de sujeitos conscientes de seu lugar no mundo?*

Para responder a este questionamento, o trabalho organiza-se em seções teórico-práticas que perpassam as fases de construção do espaço sob a ótica da Psicologia do Desenvolvimento, as orientações normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as etapas da alfabetização cartográfica infantil, a mediação docente por meio de maquetes e desenhos, e a educação geográfico-ambiental na infância.

DESENVOLVIMENTO

A apreensão do espaço pelo ser humano não é um dado biológico inato nem um dom passivo; é uma conquista cognitiva, motora e afetiva gradual, construída por meio das ações do sujeito sobre o mundo.

Jean Piaget e Bärbel Inhelder, em obras clássicas como *A representação do espaço na criança*, demonstraram que a construção das noções espaciais acompanha os estágios do desenvolvimento cognitivo, evoluindo do nível sensoriomotor ao pré-operatório e operacional:

Espaço Vivido (Estágio Sensoriomotor - 0 a 2 anos): A criança apreende o espaço exclusivamente através do corpo, dos sentidos e do movimento. É o espaço do toque, do deslocamento físico, do equilíbrio e da permanência do objeto. Inicialmente, o espaço é egocêntrico — confunde-se com o próprio corpo do bebê. Ao dominar a marcha e a manipulação de objetos, a criança começa a descentrar-se e a perceber que o espaço possui limites físicos.

Espaço Percebido (Estágio Pré-Operatório - 2 a 7 anos): Corresponde à faixa etária predominantemente atendida pela Educação Infantil. A criança já não precisa estar fisicamente em um local para evocar sua imagem mental. Ela percebe as relações espaciais ao seu redor, mas sua análise ainda é intuitiva, ancorada no seu próprio ponto de vista (egocentrismo intelectual). Nesse período, a criança desenvolve gradativamente as relações topológicas, projetivas e euclidianas.

Espaço Representado (Transição para o Operatório Concreto - a partir dos 6/7 anos): É a capacidade de abstrair o espaço físico e traduzi-lo em símbolos, esquemas, plantas baixas e mapas conceituais complexos.

As **relações topológicas** são as primeiras a serem construídas pela criança:

- *Vizinhança/Proximidade:* O que está perto ou longe.
- *Separação:* O que está dividido ou isolado.
- *Envolvimento/Inclusão:* O que está dentro ou fora, em cima ou embaixo.

- **Continuidade:** Linhas abertas, fechadas e limites.

Apenas após a consolidação das relações topológicas é que a criança avança para as **relações projetivas** (coordenar objetos a partir de um ponto de vista específico — frente, atrás, esquerda, direita) e **euclidianas** (sistemas de coordenadas, métrica, tamanho e proporcionalidade).

Se a epistemologia piagetiana focou as estruturas mentais, a perspectiva socio-histórica de Lev Vygotsky reforça que o espaço é saturado de significados culturais. A criança não interage com um "espaço neutro", mas sim com um **lugar**: a sua casa, a sua rua, o parque da cidade, a sala de aula.

Lana de Souza Cavalcanti destaca que o conceito de *lugar* na Geografia humanista e cultural carrega afetividade, memória, pertencimento e identidade. A mediação do professor e a linguagem verbal/simbólica são as ferramentas que transformam a experiência cega no espaço em **consciência espacial**. Ao dar nome aos lugares, contar histórias sobre a origem do bairro e problematizar as transformações da paisagem, o adulto atua na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) da criança, expandindo sua leitura do mundo.

A homologação da **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** trouxe contribuições significativas para o ensino do pensamento espacial na primeira infância, integrando-o às práticas socioculturais das crianças de forma interdisciplinar.

A BNCC rompe com a tradição de ensinar conteúdos disciplinares secos para as crianças pequenas e organiza os saberes no campo de experiências "**Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações**".

Este campo reconhece que as crianças vivem inseridas em espaços marcados por características físicas, culturais e históricas e em tempos de diferentes ritmos. Na Educação Infantil, a curiosidade nata da criança deve ser instigada para que ela investigue o meio:

- **O Espaço Físico e Social:** Explorar as características do ambiente da escola, da comunidade, dos espaços naturais e urbanos.
- **As Relações de Causa e Efeito:** Perceber como a ação humana altera o meio ambiente (o lixo no chão, a construção de uma calçada, o plantio de uma horta).
- **As Transformações Temporais e Espaciais:** Observar o dia e a noite, o ciclo do sol, as estações do ano, as mudanças no clima e como essas transformações afetam o vestuário, os hábitos e a paisagem.

A dimensão geográfica na BNCC também dialoga com o campo "**O eu, o outro e o nós**". Compreender o seu *lugar* no mundo permite à criança construir sua identidade étnico-racial, social e cultural. Ao perceber que existem crianças que vivem em campos, florestas, áreas ribeirinhas, quilombos, aldeias indígenas ou em grandes centros urbanos com hábitos espaciais distintos, a criança

aprende a respeitar a alteridade e a combater o etnocentrismo desde cedo.

O primeiro referencial espacial da criança é o seu próprio **corpo**. Não há possibilidade de uma criança compreender o mapa de um bairro ou o conceito de "norte/sul" se ela não compreendeu, sensorialmente e motoramente, a geografia do seu próprio organismo.

O desenvolvimento da espaciorregionalidade na infância passa por três etapas fundamentais da psicomotricidade:

Conhecimento do Próprio Corpo: Nomear e sentir as partes do corpo, identificar o eixo vertical (cabeça até os pés) e horizontal.

Esquema Corporal e Imagem Corporal: Sentir a ocupação do corpo no espaço físico. Brincadeiras como "entrar dentro de uma caixa de papelão", "passar por baixo da mesa" ou "espremer-se entre dois túneis" fornecem dados proprioceptivos valiosos sobre tamanho, volume e massa corporal.

Lateralidade (Direita e Esquerda): A internalização do lado dominante (destro ou canhoto) e o reconhecimento da direita e esquerda no próprio corpo precedem a capacidade de identificar a direita e esquerda no corpo do outro ou em um mapa (descentralização espacial).

O pátio da escola e os espaços ao ar livre são os verdadeiros "laboratórios geográficos" da Educação Infantil. A organização de **circuitos motores** (subir, descer, saltar, contornar, engatinhar por dentro de manilhas, caminhar sobre linhas sinuosas) estimula a inteligência espacial.

Durante essas vivências, o professor atua alimentando o vocabulário geográfico: "*Agora vamos passar **por trás** da árvore*", "*Quem consegue subir **no alto** do morro?*", "*Vamos andar em fila mantendo a distância **perto** do colega*". Essa verbalização associa a sensação física à linguagem conceitual.

A **Alfabetização Cartográfica** é o processo de ensino-aprendizagem pelo qual o sujeito se torna leitor e produtor de mapas. Diferentemente do que muitos imaginam, esse processo não começa na idade adulta com mapas políticos complexos, mas sim na infância, através de linguagens artísticas, do brincar e de representações tridimensionais.

Sonia Castellar e Maria Elena Simielli, referências na Metodologia do Ensino de Geografia, enfatizam que para a criança tornar-se uma **leitora crítica de mapas** no futuro, ela precisa primeiro ser uma **mapeadora do seu próprio espaço** no presente.

O desenho infantil é uma das formas mais autênticas de representação espacial. Quando a criança de 4 ou 5 anos desenha o seu quarto, a sua casa, o caminho da escola ou a sala de aula, ela está fazendo **cartografia**.

Nos primeiros anos (fase das garatujas e do pré-esquematismo):

- Os objetos surgem "flutuando" no papel, sem linha de base ou chão estruturado (ausência de referencial euclidiano).
- O tamanho dos elementos no desenho não segue uma escala real, mas sim uma **escala afetiva** (o elemento mais importante para a criança, como ela mesma ou a mãe, é desenhado em tamanho gigante, enquanto a casa pode ser desenhada pequenininha ao lado).

O educador mediador intervém sem corrigir de forma autoritária, mas instigando a observação: *"Onde fica a porta da sua casa no desenho?", "Para ir da sua cama até o banheiro, por onde você passa?", "Vamos desenhar o chão para as pessoas não ficarem caindo no ar?"*.

Uma das estratégias mais eficientes para a alfabetização cartográfica inicial é a transição do espaço físico real para o tridimensional (maquete) e, em seguida, para o bidimensional (desenho/mapa).

PASSO A PASSO METODOLÓGICO:

Exploração do Espaço Real: A turma faz um "passeio de investigação" pela sala de aula ou pelo parque da escola, observando onde ficam as mesas, a porta, o canto dos brinquedos e as janelas.

Construção da Maquete (Tridimensional): Usando caixas de sapato, caixinhas de fósforo, blocos de madeira e pecinhas de montar, as crianças constroem coletivamente a maquete da sala de aula sobre uma mesa grande. As caixas de remédio viram as mesas; os carretéis viram os lixeiros.

Mudança de Ponto de Vista (Visão Vertical vs. Oblíqua): O professor propõe que as crianças olhem a maquete de lado (visão oblíqua) e depois subam em cadeiras com segurança ou olhem **exatamente de cima para baixo** (visão vertical). Essa é a descoberta fundamental da Cartografia: o mapa é a representação da terra vista de cima!

Passagem para o Desenho (Bidimensional / Planta Baixa): As crianças colocam papéis pardos sob os objetos da maquete e contornam suas bases com pincel atômico. Ao retirar os objetos sólidos, o grupo visualiza a **planta baixa** da sala.

Esse percurso concretiza um conceito abstrato de forma lúdica, significativa e inesquecível.

A Geografia articula os conhecimentos sociais e os fenômenos naturais. Na Educação Infantil, a relação da criança com a natureza deve ser resgatada e valorizada, sobretudo em uma época marcada pelo excesso de telas e pelo "transtorno do déficit de natureza".

A observação dos fenômenos naturais é uma fonte inesgotável de encantamento e aprendizado geográfico:

- **O Clima e o Tempo Atmosférico:** A criação do "Painel do Tempo" na rotina diária (ensolarado, chuvoso, nublado, ventania) permite à criança registrar variações temporais e relacioná-las com o próprio corpo (usar casaco quando faz frio, beber mais água quando faz calor).
- **Os Elementos da Natureza:** Manipular terra, areia, pedras, folhas secas, água e argila nos cantos de investigação heurística. Compreender que solos diferentes têm texturas, cores e cheiros diversos.
- **A Paisagem e suas Transformações:** A paisagem é tudo aquilo que a nossa visão/sensibilidade alcança. O professor pode levar as crianças para observar a paisagem ao redor da escola, identificando elementos naturais (árvores, pássaros, céu) e elementos humanizados/construídos (casas, postes, asfalto, carros).

A implementação de uma **horta comunitária/pedagógica** na Educação Infantil reúne múltiplos saberes geográficos. Ao plantar uma semente, regar, cuidar e acompanhar o crescimento do alimento, a criança aprende sobre a dependência humana em relação ao solo, ao sol e à água.

Além disso, trabalhar o destino dos resíduos sólidos (reciclagem, compostagem do lixo orgânico da merenda) constrói uma postura de **ética e responsabilidade socioambiental** desde os primeiros anos de vida, preparando cidadãos conscientes para enfrentar as crises climáticas do século XXI.

A ação do educador é o elemento articulador que transforma vivências cotidianas em conceitos geográficos estruturados.

A literatura infantil é uma poderosa janela para expandir as fronteiras espaciais das crianças. Através dos livros ilustrados, a turma pode "viajar" para outros lugares do planeta, conhecendo paisagens, climas e culturas totalmente diferentes da sua realidade imediata.

Livros que exploram itinerários, mapas afetivos e viagens (como *O Barbudo*, *A Maior Flor do Mundo*, *O Pequeno Príncipe* e contos tradicionais indígenas e africanos que narram a criação dos rios e das montanhas) estimulam o imaginário espacial.

A avaliação do raciocínio geográfico na Educação Infantil segue rigorosamente os preceitos do Artigo 31 da LDB (Lei nº 9.394/96), sendo vedada a utilização de provas ou atribuição de notas. A avaliação é **formativa, contínua e acompanhada por meio de registros**.

A Documentação Pedagógica em Geografia inclui:

Diários de Bordo e Anotações de Campo: Relatos das perguntas das crianças durante passeios no entorno da escola ("*Por que aquele prédio é tão alto?*", "*Para onde vai a água da chuva no bueiro?*").

Portfólios com Desenhos de Itinerários: Evolução dos mapas corporais e das representações espaciais da criança ao longo do ano.

Fotografias e Vídeos de Maquetes e Construções: Registros da interação das crianças com blocos de montar e maquetes tridimensionais.

Relatórios Descritivos de Desenvolvimento Espacial: Documentos síntese para as famílias, narrando como a criança se orienta no espaço, como compreende as regras do lugar e como interage com a natureza e com o grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desenvolvida neste artigo demonstra com clareza que a Geografia na Educação Infantil não é uma disciplina precoce nem uma coleção de nomes abstratos, mas sim uma dimensão essencial do desenvolvimento humano, do raciocínio e da cidadania.

O espaço é onde a vida acontece. Permitir que a criança pequena compreenda o seu corpo como primeiro referencial espacial, explore o espaço vivido com autonomia, construa maquetes e representações do seu entorno e investigue os fenômenos da natureza é garantir a ela o direito de habitar o mundo de forma consciente, afetuosa e crítica.

Fundamentar as práticas pedagógicas nos aportes de Piaget, Vygotsky, Castellar e nas orientações da BNCC possibilita superar o analfabetismo cartográfico e a alienação espacial desde o berçário. A alfabetização cartográfica inicial, conduzida com intencionalidade pedagógica e ludicidade, oferece às crianças as ferramentas simbólicas para que possam, no presente e no futuro, ler os mapas da vida, reconhecer a diversidade dos povos e das paisagens e cuidar do planeta Terra como nossa casa comum.

Para que essa abordagem se consolide de forma ampla nas creches e pré-escolas brasileiras, torna-se imperioso investir na formação permanente de professores de Educação Infantil, garantindo-lhes fundamentos sólidos sobre a Geografia da Infância, além de infraestrutura escolar rica em espaços ao ar livre, materiais manipuláveis e literatura de qualidade. Somente assim formaremos gerações que saibam onde estão, para onde querem ir e como podem construir um mundo socialmente justo e ambientalmente sustentável.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

CALLAI, Helena Copetti. *A geografia na escola infantil*. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). **O ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

CASTELLAR, Sonia (Org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conceitos*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2013.

LE SANN, Janine G. *A cartografia para crianças: uma proposta de alfabetização cartográfica*. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PAGANELLI, Tomoko Iyda. *Para a construção do espaço pela criança*. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. *A representação do espaço na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

SIMIELLI, Maria Elena. *O sistema de representação cartográfica: leitura de mapas na educação básica*. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007.

STRAFORINI, Rafael. *Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nos anos iniciais*. São Paulo: Annablume, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.